

Não sabe em quem vai votar? Depois de ler isto é mais fácil

Se ainda não sabe em quem vai votar, clique em www.euprofiler.eu e resolva as dúvidas

Se, nestas eleições europeias, não sabe em que partido votar, não conhece as propostas do partido em que pensa votar, ou gostaria de saber em quem votaria em qualquer dos 27 países da União Europeia (e ainda a Croácia, Suíça e Turquia), não hesite: clique em www.euprofiler.eu e tire as dúvidas a limpo. O resultado poderá ser surpreendente.

O site, desenvolvido pelo Instituto Universitário de Florença,

com a colaboração de 130 politólogos daqueles países (dois portugueses) é, no dizer do seu responsável, o suíço Alexander Trechsel, o “maior instrumento de democracia electrónica do mundo”, uma ferramenta inédita de “auxílio de voto” para eleitores indecisos, inexperientes, ou... simplesmente cansados.

Ao contrário de outros sistemas tipo *voter advice application*, o ‘euprofiler’ parte do cidadão, dos seus interesses e prioridades, acabando por traçar-lhe o perfil político no final de um questionário de 30 perguntas, das quais duas são de cariz nacional. É assim que, depois de 28 questões (comuns a todos os países) sobre temas tão variados co-

mo imigração, família, religião, segurança, trabalho, economia ou meio-ambiente, é perguntado ao eleitor português a opinião sobre a regionalização e os grandes investimentos como o TGV e o novo aeroporto, as duas questões consideradas como “mais fracturantes” em Portugal.

A partir daí, o sistema faz a correspondência com o partido que ‘veste’ essa pele — e são 300 os que foram incluídos. É então que pode ter surpresas, em Portugal e no resto da Europa. E pode até descobrir que, afinal, o partido que lhe ‘corresponde’ não é, necessariamente, aquele em que pensava ir votar.

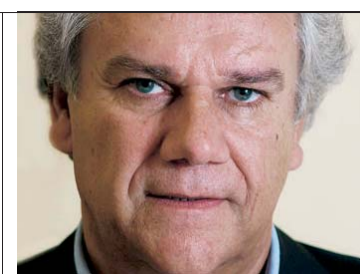
O sistema demorou ano e meio a fazer, é gratuito, está traduzi-

do em 24 línguas (incluindo o português) e destina-se aos 375 milhões de eleitores que entre 4 e 7 de Junho irão às urnas eleger os 736 deputados do Parlamento Europeu. Dos 300 partidos estudados, apenas 30 enviaram as suas próprias posições, depois confrontadas com a sua prática pelos politólogos.

O ‘euprofiler’ vai estar no ar até à véspera da data das eleições. Desde 23 de Abril, data de lançamento do sistema, acederam ao site mais de um milhão de visitantes, dos quais 30 mil portugueses. Destes, cerca de 15 mil preencheram o inquérito. Tente também!

LUÍSA MEIRELES

lmeireles@expresso.imprensa.pt



Fernando Madrinha

fjmadrinha@hotmail.com

UM PGR EM XEQUE

O ‘caso Freeport/Lopes da Mota’ ameaça transformar-se numa comédia de enganos, embora não se saiba se o desfecho será cómico, como compete, ou trágico. E o procurador-geral da República tem oferecido generosos contributos para adensar a intriga e complicar o enredo. O comunicado a informar que deu instruções para que, no processo Freeport, se dispense a intermediação do Eurojust, a que preside Lopes da Mota, é um desses contributos.

Segundo revelou agora o PGR, as referidas instruções vigoram «desde que se iniciou o inquérito sobre as alegadas pressões», isto é, há um mês e meio. Ao longo deste período, a permanência de Lopes da Mota no cargo europeu que ocupa foi contestada em toda a linha. Precisamente com o argumento de que, sendo o Eurojust uma espécie de intermediário das polícias portuguesa e britânica no ‘caso Freeport’, a pessoa menos indicada para desempenhar esse papel era alguém suspeito de ter exercido pressões ilegítimas sobre os investigadores. Perante o autêntico fogo de barragem que dura há mais de um mês, o PGR não julgou apropriado nem oportuno esclarecer que, por sua ordem, o Eurojust já não tinha qualquer papel no ‘caso Freeport’. Só esta semana, depois de, certamente por coincidência, se terem começado a ouvir vozes do PS a dizer sobre Lopes da Mota o mesmo que dizem as oposições, Pinto

Monteiro decidiu prestar um esclarecimento que teria evitado boa parte da polémica.

Como se já não bastasse o absurdo desta situação, o PGR ainda sofreu a humilhação pública de um desmentido: a decisão de cessar a cooperação não foi tomada por ele mas pelo Eurojust, segundo o porta-voz deste organismo. E o próprio Lopes da Mota lhe deu conhecimento disso em 23 de Abril. Quer dizer, o tenebroso agente de pressões sobre dois pobres magistrados indefesos aparece, de repente, como o mais escrupuloso dos funcionários da Justiça. E o procurador-geral da República,

Quanto mais se fala sobre o ‘caso Freeport/Lopes da Mota’, menos se fica a saber

cujas decisões e atitudes devam ser de um rigor inatacável, fica em xeque por imprudência ou inépcia na gestão de um caso em que, quanto mais se fala sobre ele, menos se fica a saber. Como se todos os protagonistas e partes interessadas — políticos do poder e da oposição, magistrados do poder e da oposição, ou franco-atiradores para os mais diversos ajustes de contas — estivessem todos apostados em confundir e não em esclarecer. Quer a existência ou não de pressões quer a hipersensibilidade a essas mesmas pressões.

ENTRETANTO, EM LONDRES...

Dois membros da Câmara dos Lordes foram suspensos por terem recebido dinheiro para votarem a favor de uma lei. Este caso, inédito na história do Parlamento britânico, foi conhecido um dia depois de Michael Martin, o líder da Câmara dos Comuns, ter sido obrigado a demitir-se. Uma demissão exigida por um grupo de deputados com o fundamento de que, em primeiro lugar, Martin nada fez para impedir o abuso, por parte de um larguíssimo conjunto de parlamentares, de um subsídio para despesas com a habitação nos círculos pelos quais são eleitos. Em segundo lugar, porque, perante o escândalo divulgado pelo jornal “The Daily Telegraph”, a primeira reacção do *speaker* foi pedir uma investigação sobre a forma como o diário obteve as informações. Uma atitude que poderíamos qualificar de tipicamente portuguesa e que não resulta fora de Portugal — pelo menos nas democracias que ainda se prezam.

Dois escândalos com esta gravidade no curto prazo de uma semana mancham perigosamente a imagem do mais prestigiado Parlamento do mundo. Mas também convidam a especular-se sobre o que acontecerá, sem nunca chegarmos a saber, noutros parlamentos democráticos.

A verdade é que, ao contrário do que por vezes acontece noutras paragens, não houve manobras espúrias ou dilatórias, nem unanimidades ou maiorias de conveniência, para tentar ‘abafar’ os casos, disfarçar a sua gravidade, ou poupar os prevaricadores. E o primeiro-ministro, Gordon Brown, correu a declarar que nenhum dos deputados em causa voltará a ser candidato do Partido Trabalhista. Percebeu essa coisa simples que em Portugal custa a ser percebida: na vida de qualquer democracia digna desse nome não há impunidades. Os erros e os abusos dos titulares de cargos públicos — e mais ainda dos cargos políticos — têm que ter consequências.

O CAPITAL TEM PÁTRIA

A economia portuguesa é a mais competitiva da Europa do Sul, à frente da Espanha, da Itália e da Grécia, segundo o *ranking* de 2009 do Institute for Management and Development (Suíça). Numa lista de 57 países subiu três lugares e entre os 27 da UE ganhou dois, estando agora na 16.ª posição. Infelizmente, os índices estatísticos nem sempre casam com o mundo real. E, assim, na mesma semana em que se conhece esta boa notícia, uma nuvem negra assombra a Autoeuropa, menina dos olhos de todos os governos, que nela aplicaram milhões em facilidades e benefícios fiscais para evitar que

a produção saísse de Portugal. Curioso é que, ainda há pouco, as deslocalizações se faziam dos países desenvolvidos para os de mão-de-obra mais barata. Hoje, os trabalhadores portugueses deixaram de concorrer outra vez com os países do Sul e com os do Leste europeu. É para a própria Alemanha que a produção de Palmeira irá, se se confirmarem os piores receios. E com isso se desmente o velho mito de que o capital não tem pátria. Neste caso da Volkswagen, o que se poderá dizer então é que, perante o apelo da pátria, também assolada pelo desemprego, o capital despreza as benesses entretanto recebidas no país de acolhimento.

Económico.

Porque ao trocar o seu transporte individual pelo Alfa Pendular está a escolher a opção mais económica para si e a mais ecológica para o ambiente. Para além disso, é uma forma de viajar inovadora, rápida, prática e muito cómoda. Viajar com a CP é assim, ter tudo por quase nada.

Menos Custo

€27,50 €54,00

Consulte cp.pt e simule o seu percurso no ECOViagemCP.

Alfa Pendular.
Tudo, por muito menos.

CP COMBOIOS DE PORTUGAL
PRÓXIMA PARAGEM: MUDAR A SUA VIDA.

Informações e reservas
808 206 206 www.cp.pt

Comparação com um transporte individual numa viagem Lisboa Oriente – Porto, em Classe Turística (passageiro/viagem).

Consulte os pressupostos em ECOViagemCP em cp.pt